

# FH defende admissão da China na OMC

*Em palestra para intelectuais chineses, presidente diz que nenhuma organização de comércio pode ter pretensões de universalidade sem participação do país "que é a maior parcela da humanidade"*

MIRIAM MOURA

**P**EQUM — O presidente Fernando Henrique Cardoso declarou ontem, para uma platéia de intelectuais da Academia Chinesa de Ciências Sociais, o apoio do Brasil ao reingresso da China na Organização Mundial de Comércio (OMC), que sucedeu ao Gatt. A manifestação brasileira em favor da República Popular da China ocorreu no mesmo dia em que o presidente Jiang Zemin prometeu apoiar a pretensão do Brasil de ser membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

Fernando Henrique falou sobre "O Cenário Internacional no ano 2000 — O papel do Brasil e da China", destacando os desafios comuns aos dois

países. Ao final da palestra, um professor do Instituto de Economia da Academia, Fan Gang, perguntou como o Brasil tem resolvido o problema da inflação e comentou que o País ainda encontrava problemas de supervalorização da moeda. Fernando Henrique discordou da afirmação e negou que haja valorização excessiva do real. "Nossas exportações têm aumentado", observou, argumentando que, se a moeda estivesse supervalorizada, seria difícil exportar.

Mas se deparou com um desafio inesperado ao tentar explicar o sistema do câmbio introduzido no País pelo Plano Real. "Não temos no Brasil um câmbio fixo; não há obrigação de manter a paridade com o dólar, como existe na Argentina", explicou. A intérprete Andréa Martins tentou traduzir para o chinês, mas também passou por dificuldades. O presidente tentou, então, explicar em inglês. "É uma banda de flutuação deslizando", disse recorrendo a gestos com as mãos e admitindo que é difícil traduzir o sistema adotado no Brasil.

**MAIOR  
DIFICULDADE  
FOI EXPLICAR  
CÂMBIO**

**Protecionismo** — Para um auditório lotado de intelectuais chineses, Fernando Henrique afirmou que "nenhuma organização que trate de comércio pode ter preten-

sões de universalidade sem a participação da China, que é a maior parcela da humanidade". Defendeu também adoção de regras pela OMC que evitem novas formas de protecionismo.

Na opinião do presidente, ao Brasil e à China interessa a estabilidade e a previsibilidade dos movimentos de capital de curto prazo, mas principalmente investimentos externos de longo prazo, para gerar empregos e riquezas. "Nesse ponto, temos de reconhecer que Brasil e China



Wilson Pedrosa/AE

*Com o presidente chinês: por regras de comércio internacional que evitem novas formas de protecionismo*

são em parte competidores, seja por mercados em gamas de produtos em nível tecnológico semelhantes, seja no campo da atração de investimentos e de tecnologia", observou.

Fernando Henrique ressaltou, contudo que "ser competidor não significa estar em posição de rivalidade". Com a globalização da economia, argumentou, a tendência é acelerar a internacionalização da produção, com as etapas do processo produtivo repartidas em diferente países.

"Os fluxos de investimentos não configuram um jogo de soma zero", completou.

**Papel moderador** — Na avaliação do presidente, mesmo "sem ambições hegemônicas ou veleidades de poder", o Brasil desempenha na região um papel moderador, de promoção de paz e da democracia e no campo econômico é um impulsionador da integração e do crescimento. "Temos uma visão própria do mundo, assim como a China", afir-

mou, ressaltando que os dois países têm sociedades complexas. "China e Brasil estão destinados a ingressar no século 21 como atores internacionais cada vez mais importantes", destacou. "Para isso, é preciso começar desde já."

A Academia de Ciências Sociais também serviu de palco para o lançamento da edição chinesa do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda. O livro tem prefácio de Fernando Henrique.